



Recuo colossal

Estendida aos pés da montanha mais alta da Áustria, Pasterze, uma das principais geleiras dos Alpes, retira-se lentamente de cena diante de milhares de testemunhas

texto e fotos LIANA JOHN

fendas: ali a água de degelo escapa por baixo, solapando, lenta e continuamente, a base do imenso rio congelado e escoando encachoeirada para o vale, lá embaixo.

A geleira inteira pode ser vista do Parque Nacional Hohe Tauern, na vertente esquerda do vale escavado pela massa gelada, o lado oposto de Grossglockner. É

paração, até o cérebro assimilar a proporção de nossa humana pequenez.

Reparando melhor, na vertente do abismo há uma trilha quase vertical, com escadas, para quem quiser ir a pé conferir o estado do gelo lá embaixo. E os menos dispostos têm a confortável opção de um bondinho, que leva e traz visitantes sem parar.

Durante todo verão, e parte da primavera e do outono, na beira daquele abismo milhares de pessoas testemunham diariamente o recuo da geleira, com direito a painéis ilustrativos, lotados de explicações em várias línguas, além de dados sobre as variações na espessura do gelo desde a última pequena glaciação, ocorrida por volta de 1850. Na época, a geleira preenchia todo o vale, quase até a borda do abismo, o que também é um exercício comparativo de respeito. Como as outras 924 geleiras da Áustria alpina, Pasterze avançou e recuou diversas vezes entre 1850 e a década de 1980. Desde então apresenta um recuo constante. Entre 1994 e 2000 – apenas seis anos – perdeu pelo menos 100 metros de extensão. A continuação a atual sucessão de anos quentes, as previsões até o ano 2100 indicam um recuo de 3 a 5 km, com uma perda de volume total de gelo da ordem de 40 a 63%.

É um cenário que beira o surrealismo, quando se imagina que a origem de tal recuo está nas atividades daqueles pontinhos minúsculos, causa do aquecimento global da atmosfera (e da conseqüente sucessão de anos quentes). Mas é exatamente o que a retirada da gigantesca Pasterze significa...



A 3.798 metros de altitude, o pico mais alto da Áustria – Grossglockner – ainda ostenta alguma neve entre as rochas escuras, mesmo no mais quente verão europeu. A seu redor, nem todas as montanhas que há 20 anos exibiam neves 'eternas' conservam as mesmas manchas brancas: aos poucos, o aquecimento global da atmosfera remodela a paisagem alpina, despindo as alturas e transformando o fundo dos vales.

Aos pés de Grossglockner estende-se Pasterze, a maior geleira do Tirol, uma 'língua' retilínea com uma área total de 19,8 km² e 9,2 km de extensão. A 'língua' termina em dois círculos demarcados por

uma paisagem de superlativos: a montanha mais alta, a maior geleira. Difícil enquadrar tudo senão a uma boa distância. Mesmo assim, só se dimensiona o vertiginoso gigantismo da geleira quando se repara melhor naquelas marcas arredondadas, no fim da geleira. Apurando o olhar é possível enxergar pontinhos coloridos que se movem sobre o gelo sujo. Mais um esforço e, com a ajuda de binóculos ou da teleobjetiva de uma câmera fotográfica, percebe-se que os minúsculos pontinhos são... pessoas!

É impossível não voltar os olhos para toda a geleira e depois focar de novo as pessoas. E repetir outra e outra vez a com-